



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARTA CRISTINA BISPO DA CONCEIÇÃO

**DIMENSÃO CULTURAL DA LEITURA:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA
ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

São Francisco do Conde

2018

MARTA CRISTINA BISPO DA CONCEIÇÃO

**DIMENSÃO CULTURAL DA LEITURA:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA
ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

São Francisco do Conde

2018

MARTA CRISTINA BISPO DA CONCEIÇÃO

**DIMENSÃO CULTURAL DA LEITURA:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O INCENTIVO À LEITURA LITERÁRIA
ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 08/10/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Edna de Góis

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

AGRADECIMENTOS

Ao meu Eterno Deus pelos favores não merecidos, considerando tudo o que tem me proporcionado sem medidas.

À minha mãe Regina pelo apoio constante para que eu chegasse até aqui, e por ter investido desde o início da minha vida para que eu me tornasse o que hoje sou.

Às minhas irmãs Mírian Cristine e Mirtes Cristiane, por me compreenderem e acreditarem na minha capacidade.

Às minhas tias Marinalva Pita e Gleide Mota e à minha prima Andréia Santos, pelo incentivo e pela cooperação para a realização deste projeto.

À minha amiga irmã Nicole Ferreira e aos meus amigos Weverton Campos e Lailson dos Santos, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, compartilhando ideias e torcendo para que eu atingisse minhas metas.

Ao meu orientador Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano, pelas contribuições contínuas, pela paciência, dedicação e pelas experiências compartilhadas, essenciais para minha vida acadêmica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	ALGUNS CONCEITOS RELEVANTES	7
1.2	O CONTEXTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE	8
2	OBJETIVOS	10
2.1	GERAL	10
2.2	ESPECÍFICOS	10
3	JUSTIFICATIVA	11
4	REFERENCIAL TEÓRICO	12
5	METODOLOGIA	15
6	CRONOGRAMA DA ETAPA FINAL DE ESCRITA DO TCC	16
	REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto Pró-Livro (2015), o maior percentual dos estudantes que leem é em função das obrigatoriedades curriculares, somando 75%. Isso é só o primeiro fator, mais amplo, de um quadro onde a relação com leitura é bastante problemática no Brasil, especialmente se pensarmos na busca da leitura para além das necessidades de estudo e de trabalho. Sendo assim, como pensar na ampliação da leitura na população se, “apesar do percentual da população alfabetizada funcionalmente ter passado de 61% em 2001 para 73% em 2011, apenas um em quatro brasileiros domina plenamente as habilidades da leitura” (p. 127)?



Ainda conforme a pesquisa, os fatores que motivam os estudantes a ler um livro são o gosto e a atualização cultural, porém, em relação às leituras de outra natureza (revistas, jornais) a porcentagem é de 6%, o que seria ler pelo prazer, pois, para o propósito curricular, esses tipos de leitura nem sempre são considerados no cotidiano escolar. No que se refere à participação em eventos culturais que promovam o gosto pela leitura, a diferença comparativa entre estudantes e não estudantes é de 1% a mais, isto é, 3% do total de estudantes frente a 4% de não estudantes.

A pesquisa aponta representações negativas do imaginário em torno da leitura, destacando-se o fato de muitas vezes a leitura ser vista como prática relacionada apenas a propósitos instrumentais (trabalho e/ou estudo). Portanto, entre os não leitores, o pouco apreço pela leitura deve-se pela falta de estímulo desde a infância, prevalecendo a ideia de que a prática da leitura somente faz sentido para que se possa obter um bom rendimento na

sua carreira futura.

Diante disso, uma vez que a leitura está muito atrelada ao ambiente e aos propósitos da formação escolar, no sentido de uma qualificação para a vida profissional, é importante pensar estratégias pedagógicas que, a partir da escola, permitam sair da escola, de modo a se articular o conteúdo curricular com o extracurricular, e formar um leitor literário entendido aqui em sentido amplo, como veremos a seguir.

Contudo, mesmo que o professor trabalhe a leitura em sala de aula com atividades criativas e que considere sua dimensão cultural, será difícil a formação do hábito da leitura em cidades nas quais não há outros espaços para a prática leitora, seja para ter acesso a livros (biblioteca municipal), seja para comprar (livrarias, pontos de venda, feiras de livro), seja para usufruir ou mesmo produzir textos (saraus, festas literárias, concursos literários etc.).

1.1 ALGUNS CONCEITOS RELEVANTES

Os termos **leitor literário** e **dimensão cultural da leitura** referem-se, sobretudo, à leitura prazerosa, por hábito e de livre escolha, que não necessariamente precisa estar vinculada a nenhum propósito instrumental, seja educacional ou profissional. A leitura literária, conforme Regina Zilberman (1988), propicia o desenvolvimento ético e intelectual, e, para além de um propósito pragmático, atende à formação do indivíduo como leitor literário, em diálogo com o currículo oficial, que extrapole os ambientes de educação formal, especialmente a escola.

Seguindo a concepção de Marisa Lajolo (2000), “a literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados” (LAJOLO, 2000, p. 105). Pode-se considerar um leitor literário aquele que se interessa tanto pelas obras literárias clássicas como por textos de outra natureza (jornais, blogs, revistas, histórias em quadrinhos, letras de rap, panfletos, entre outros). Esses exemplos podem ser incorporados para o estímulo de uma prática leitora, assim como podem compor diferentes demandas de público, pois, segundo Maria de Fátima Almeida (2016), “em cada uma das fases (...), no processo de escolarização, a leitura pode ser concebida e ensinada de modos diferentes, porque temos múltiplos perfis de leitores a serem formados, (...) com diferentes objetivos” (ALMEIDA, 2016, p. 77).

É importante lembrar que a dimensão cultural da leitura não é um conceito que deva estar “fora” dos propósitos letivos, mas que não tem a obrigatoriedade contínua de estar

vinculada às demandas curriculares.

Conforme o Plano Nacional de Livro e Leitura – PNLL (2014), para a disseminação da leitura, deve-se considerar **quatro eixos**. São eles:

1) Democratização do acesso ao livro: editoras comerciais, livraria e pontos de venda de produtos para a leitura, distribuidores, livreiros, etc.;

2) Formação de mediadores para o incentivo à leitura: educadores, gestores públicos, ações comunitárias, etc.;

3) Valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico: equipamentos culturais públicos, comunitários ou mesmo privados (bibliotecas comunitária e municipal), espaços de leitura;

4) Desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional: secretaria de educação e cultura, feiras de livro, bolsas de criação literária, eventos artístico-culturais com interlocução de outros leitores.

O Plano Nacional de Livro e Leitura – PNLL (2014) destaca que “para fortalecer qualquer política ou ação ligada ao livro, é preciso uma valorização da esfera da cultura como um todo, franqueando o acesso a uma variada gama de objetos culturais” (p. 13).

Nesse sentido, pensar a leitura em sua dimensão cultural é desenvolver meios eficientes para o acesso à leitura, considerando-se a efetivação de políticas públicas para o desenvolvimento leitor também nos espaços extraclasses.

1.2 O CONTEXTO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

O presente projeto tem como intuito tratar da dimensão cultural da leitura, promovendo a formação de leitores literários entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Martinho Salles Brasil, única instituição de estudo nessa faixa, situado no município de São Francisco do Conde.

Existem inúmeras inviabilidades no que diz respeito ao não avanço da leitura literária no município, entre as quais a insuficiência de programação cultural e espaços específicos para a prática leitora. A maneira como as atividades de leitura são normalmente conduzidas em sala de aula tem como um de seus objetivos a decodificação dos textos, o que inclui desde a familiarização do uso da norma padrão da língua portuguesa até um processo de aperfeiçoamento da interpretação textual. Na perspectiva de Marcos Bagno (2007), muitas vezes a missão de formar leitores a partir da imposição da norma padrão da língua, ou seja,

sem que se respeite a variedade linguística da sociedade brasileira, afasta o educando do hábito da leitura e conseqüentemente da possibilidade de desenvolvimento tanto de seu repertório quanto de sua capacidade crítica. Vilson J. Leffa (1999) afirma que desenvolver concepções críticas é fundamental, o que não é apenas extrair um significado a partir do texto, mas interpretá-lo com a sua compreensão.

A execução de atividades de leitura relacionadas apenas aos *scripts* didáticos também influenciam o desprazer pela leitura, tornando uma prática monótona. Em consonância com Eliana Yunes (1995), “embora esteja presente desde sempre, (...) a manifestação do prazer precisa ser cultivada, atentamente acompanhada, para que se possa descobrir as condições de sua produção” (YUNES, 1995, p. 186).

Além disso, existe a dificuldade de incitação à prática leitora em ambientes extracurriculares, em razão da falta: 1) de políticas públicas efetivas para a leitura; 2) de equipamentos culturais qualificados (bibliotecas municipais, comunitárias etc.); 3) de uma agenda de eventos culturais do município (feiras, saraus etc.); e 4) de estabelecimentos comerciais de produtos para o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro e da leitura.

No que se refere às políticas públicas no município, seria importante que as instâncias institucionais responsáveis pela área tivessem, de modo contínuo, a preocupação com a criação de uma biblioteca municipal e os meios de apoio e sustentabilidade de iniciativas de implantação de bibliotecas comunitárias. De todo modo, a implantação de bibliotecas sem que se garanta no seu orçamento recursos promoventes para a leitura, o que inclui uma programação, enfraquece e até mesmo anula sua efetividade como instrumento de promoção da leitura.

Quanto aos equipamentos culturais ativos no município, temos como exemplo a Biblioteca Comunitária Arthur de Salles. Atualmente, essa biblioteca não apresenta condições estruturais adequadas que possam atender a demanda pública, incluindo o acervo de obras literárias (danificado durante a reforma na sede da antiga biblioteca), bem como uma equipe de apoio estimulada para gerar programações para o desenvolvimento da prática leitora. Além disso, os poderes públicos não atuam para a estruturação fundamental do local no que se refere à reposição de equipamentos.

Os eventos culturais no município ocorrem, ainda, esporadicamente, a exemplo dos saraus literários, que propiciam as diversas práticas de leitura sem que estejam atreladas ao currículo escolar. Normalmente esses saraus são frequentados por estudantes de outros níveis de ensino (alfabetização e fundamental), como também pessoas da comunidade em geral; até então, não há um quantitativo considerável de estudantes do ensino médio como público

recorrente no evento.

Não existem estabelecimentos comerciais para compra de livros e edições em geral em São Francisco do Conde, o que é essencial para o fomento à prática de leitura, pois os leitores necessitam de produtos do mercado editorial para a aquisição de um acervo pessoal de leitura para além das demandas da educação formal.

Nesse sentido, quais as possibilidades de ação para a formação de leitores literários? Como proceder a atividades relacionadas à fruição literária num município onde não há políticas e equipamentos culturais para este propósito? Conforme o Plano Nacional de Livro e Leitura – PNLL (2014), “a leitura e o livro são vistos neste Plano não apenas em uma dimensão educacional, mas também em uma perspectiva cultural” (p. 16). Importa que estas questões sejam pensadas com fins de constituir o desenvolvimento leitor, viabilizando recursos eficazes para que essa formação seja plena.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Desenvolver ações para estudantes de nível médio no município de São Francisco do Conde com fins de estimular sua formação como leitores literários, isto é, fomentar a dimensão cultural da leitura, que extrapola propósitos formativos e de avaliação da prática pedagógica, abrangendo espaços e atividades extracurriculares.

2.2 ESPECÍFICOS

- Traçar um diagnóstico dos equipamentos considerando os quatro eixos do PNLL – **livro-leitura-literatura-economia** – livrarias ou pontos de venda de livros e publicações em geral etc.; bibliotecas municipal e comunitária; eventos culturais relacionados à leitura; feiras de livro, festas literárias, saraus, prêmios literários etc.;
- Identificar as políticas públicas, em nível municipal, estadual e federal, para a formação do leitor para além do ambiente escolar;
- Planejar e propor atividades contextualizadas capazes de propiciar entre os estudantes o hábito da leitura a partir de seus interesses e inquietações, independentemente das demandas escolares.

3. JUSTIFICATIVA

Considerando a necessidade de se apresentar para os estudantes a leitura como uma atividade também cultural e recreativa, nos parece fundamental salientar a importância da literatura no ambiente extraclasse. Conforme Lajolo (1999), “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 1999, p. 7).

O intuito é expandir no educando a liberdade de escolha visando motivá-lo para o gosto pela leitura nesse sentido amplo, ou seja, formar cidadãos com práticas de bons leitores para além do espaço escolar.

No entanto, percebe-se a ampla dificuldade nos anseios de uma educação de qualidade que considere o contexto e as vivências dos estudantes para além do espaço escolar. Em consonância com Zilberman (1988), “a leitura (...) [como vem sendo realizada em sala de aula] não se associa ao objeto de (...) estabelecer, com o leitor, uma relação dinâmica” (ZILBERMAN, 1988, p. 114). É importante o educador tratar da efetivação de práticas curriculares inovadoras que proporcionem ao educando motivação e novas concepções relacionadas à leitura nas dimensões escolar e cultural, estimulando o hábito leitor relativo às suas escolhas textuais.

Nesta perspectiva, como investir na dimensão cultural da leitura? É possível desvincular parte das atividades relacionadas à leitura com os processos de avaliação e os conteúdos curriculares?

É de grande relevância que os educadores promovam a ludicidade, induzindo os estudantes ao processo educativo que influencie diretamente a prática leitora por meio de ações prazerosas em outros ambientes além do escolar, despertando assim a criatividade e estimulando a busca pela construção do conhecimento. Além disso, para a devida fruição literária, assim como para o trabalho docente de extrapolação da prática leitora para além do espaço escolar, é necessária a efetivação de políticas públicas que viabilizem a criação e o aprimoramento de equipamentos culturais no município, sem o que não é possível a visitação.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que a leitura é um instrumento fundamental para a vida intelectual, profissional e afetiva dos indivíduos. Ao praticarmos a leitura, adquirimos mais conhecimento, habilidades produtivas e capacidade para uma interação dialógica consigo e com o outro, de forma crítica e empática; no entanto, muitos adolescentes e jovens desconhecem o quão libertário pode ser o contato com a leitura. Portanto, compreendo que a

justificativa central deste projeto está em valorizar a leitura como fonte de prazer, resgatando para os mais jovens o hábito da leitura cultural no município de São Francisco do Conde não somente em sua importância pragmática, profissional, mas também como caminho para sua formação política e existencial.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

O Instituto Pró-Livro (2015) aponta que, no Brasil, “entre os estudantes, a proporção dos que citam como motivo ‘pesquisar ou estudar’ é consideravelmente maior do que a proporção dos que citaram como ‘ler livros por prazer’” (p. 137). Ou seja, o maior percentual da prática leitora diz respeito aos critérios curriculares.

Conforme Michèle Petit (2009),

se (...) impõe (...) o comportamento que (...) deve ter, o bom jeito de ler, (...) se submete passivamente à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto e sobre o que (...) deve prestar contas, são poucas as chances de o livro entrar na experiência, (...) na sua vez, no seu comportamento. (PETIT, 2009, p. 47-48).

Contudo, é necessário o educador efetivar práticas que incitem nos educandos o hábito pela leitura, propiciando o seu desenvolvimento ético, afetivo e intelectual.

No que se refere à leitura, para Lajolo (1999),

o professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos (...). Deve, nesse sentido, ser uma espécie de poliglota. (LAJOLO, 1999, p. 21).

Nesse sentido, cabe ao educador propiciar métodos que atendam as diferentes perspectivas, no sentido de considerar interesses e inquietações distintas entre os seus educandos. Pois, “leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura”, afirma a autora. (LAJOLO, 1999, p. 45).

Ainda sob a perspectiva de Lajolo (2000), no que diz respeito à disseminação da leitura,

se a leitura literária é uma modalidade de leitura, cumpre não esquecer que há outras, e que essas outras desfrutam inclusive de maior trânsito social. Cumpre lembrar também que a competência nessas outras modalidades de leitura é anterior e condicionante da participação no que se poderia chamar de capital cultural de uma sociedade e,

consequentemente, responsável pelo grau de cidadania de que se desfrute o cidadão. (LAJOLO, 2000, p. 105).

Isto é, a concepção de literatura vai muito além de um propósito pragmático, pois o hábito pela leitura faz com que as diversas modalidades sejam atribuídas para novas construções de conhecimento, possibilitando a formação dos educandos em ambientes externos à sala de aula.

No que se refere à linguagem, Bagno (2007), expõe a ideia de que “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão (...) entre língua e gramática” (BAGNO, 2007, p. 13). Conforme abordado anteriormente, a imposição de uma única linguagem impossibilita o estudante de desenvolver o hábito leitor, por não estar apto às normas estabelecidas, o que resulta no distanciamento à prática leitora. Este é um dos pontos o qual faz relação à crítica de Alfredo Veiga-Neto (2003). Exposto que

o próprio papel atribuído à educação acabou transformando a pedagogia – enquanto campo de saberes – e a escola – enquanto instituição – em arenas privilegiadas, onde se dão violentos choques teóricos e práticos em torno de infinitas questões culturais. (VEIGA-NETO, 2003, p. 5).

Afirmando ser

outra consequência da virada linguística (...) significativa no cruzamento entre culturas e educação (...). Ao assumir, em geral implicitamente, a possibilidade de uma linguagem auto-suficiente e ideal, a epistemologia monoculturista assume, inescapavelmente, uma postura intelectual arrogante porque única e, no limite, de conteúdo determinável e, por isso, de cunho determinista. (VEIGA-NETO, 2003, p. 13).

Almeida (2016) ressalta a valorização da leitura com abrangência de textos de livre escolha do educando, como revistas, jornais, letras de rap, entre outros. A autora afirma que “em cada uma das fases (...), no processo de escolarização, a leitura pode ser concebida e ensinada de modos diferentes, porque temos múltiplos perfis de leitores a serem formados, (...) com diferentes objetivos” (ALMEIDA, 2016, p. 77).

No que diz respeito à compreensão textual, Leffa (1999) considera que “a construção do significado não é feita a partir do texto, num processo de extração, mas a partir do leitor, que não extrai do, mas atribui ao texto um significado” (LEFFA, 1999, p. 14). Desta maneira, é de grande relevância que o educador estimule os alunos, por meio de atividades recreativas de leitura, a extrapolar a decodificação, com fins de estabelecer com o texto uma relação mais aprofundada, resultando numa construção própria de pensamento crítico.

Considerando a leitura não somente como uma dimensão escolar, Aparecida Paiva (2016), salienta as dificuldades para o estímulo à prática de leitura em sua dimensão cultural (literária), em falta de planejamentos, efetivações e equipamentos externos que estimulem a leitura de forma expandida.

Em prol da distribuição universal de acervos de literatura a todos os seguimentos de ensino. (...) Entretanto, essas importantes ações ainda não se constituem, de fato, em políticas públicas de leitura, já que a sua ação ainda está restrita à esfera da distribuição e esses acervos, muitas vezes, permanecem encaixotados em algum lugar das escolas ou das secretarias de educação. (PAIVA, 2016, s/p).

Conforme o Plano Nacional de Livro e Leitura – PNLL (2014),

as diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), (...) levam em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. (p. 2).

Ainda afirma:

A leitura e a escrita são, na contemporaneidade, instrumentos decisivos para que as pessoas possam desenvolver de maneira plena seu potencial humano e caracterizam-se como fundamentais para fortalecer a capacidade de expressão da diversidade cultural dos povos, favorecendo todo tipo de intercâmbio cultural; são requisitos indispensáveis para alcançar níveis educativos mais altos. (p. 16).

Para a devida formação leitora necessita-se de práticas pedagógicas e públicas com intuito de propiciar entre os educandos o hábito da leitura em suas diversas dimensões, entre as quais a cultural, afinal, conforme a pedagoga Nelly Aleotti Maia (2002), “não há educação sem aprendizagem, afirmação que, por sua vez, equivale a dizer que a educação dependerá de uma inserção do indivíduo na cultura” (MAIA, 2002, p. 47).

Portanto, pensar a formação leitora é desde sempre pensar a expansão do aprendizado para além da escola e do currículo escolar:

Paralelamente, processa-se outro tipo de educação, sem elementos individualizados como currículos, programas, horários, etc., mas, circulando o indivíduo desde o nascimento, possibilitando-lhe as formas básicas de comunicação (como por exemplo, a linguagem). (MAIA, 2002, p. 47).

5. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos consistem em pesquisa bibliográfica a partir do referencial teórico levantado, além da pesquisa de campo considerando-se as balizas depreendidas do levantamento bibliográfico.

Serão feitas entrevistas aos estudantes e ex-estudantes do Colégio Estadual Martinho Salles Brasil, identificando seus interesses e suas escolhas comparadas à sua formação (elaboração de um questionário para investigar esse aspecto); aos professores de literatura e língua portuguesa do ensino médio; às autoridades municipais na área de educação e cultura, na hipótese de existir algum tipo de atividade de leitura que propicie aos estudantes o contato com ambientes externos; diagnosticar se os eventos culturais (literários) ocorridos em São Francisco do Conde são frequentados ou não por estes estudantes; bem como entrevistar ativistas e produtores de eventos culturais relacionados à leitura no município.

Por fim, pretende-se elaborar uma reflexão a partir dos dados da entrevista, inclusive, se for o caso, no sentido de revisar alguns pressupostos teóricos e redirecionar alguns questionamentos que por ventura se mostraram inadequados ou insuficientes diante das novas demandas que o trabalho de campo demonstrou.

As análises partem das reflexões a respeito da formação dos estudantes como leitores literários, bem como ações pedagógicas e de políticas públicas para estímulo à prática de leitura no sentido plural, de modo a viabilizar as diversas modalidades de se praticar a leitura para o desenvolvimento leitor entre os estudantes, incentivando-os tanto em sala de aula como também em ambientes extraclasse, para uma continuidade leitora progressiva.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria. *Linguagem e leitura: movimentos discursivos do leitor na construção do sentido do texto em sala de aula de 5ª série*. Recife, 2004.
- ALMEIDA, Maria. *O ensino de leitura literária nas vozes de professores de português recém-formados*. São Paulo, 2016.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 46ª ed. São Paulo, 2005.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LEFFA, Vilson J. *Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social*. IN:
- LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Orgs.). *O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.
- MAIA, Nelly. *Educação e Cultura: Sinônimos ou sistemas em interação?* Revista da Cultura, nº 3, jan-jun, 2002.
- OLIVEIRA, Rejane. *Práticas sociais e culturais de leitura: A comunidade virtual Skoob*. Revista Desenredo, 2015.
- PAIVA, Aparecida. *Políticas públicas de leitura literária*. Minas Gerais, 2016.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva*. São Paulo, Editora 34, 2008.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PNLL, do Caderno. *Plano Nacional de Livro e Leitura*. Brasília, 2014.
- PRÓ-LIVRO, Instituto. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4ª ed. São Paulo, 2015.
- SOUZA, Claudenir. *Leitura e literatura: obrigação ou prazer?* Acrópolis – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, nº 3, 2004.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Cultura, culturas e educação*. Revista Brasileira de Educação, nº 23, mai-ago, 2003.
- YUNES, Eliana. *Pelo Acesso: A Leitura e o Leitor*. Curitiba, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

ANEXOS



São Francisco do Conde, 2018.

QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES

1 - FREQUÊNCIA DE LEITURA:

-)MUITA
-)POUCA
-)RAZOÁVEL

2 - PRINCIPAL MOTIVAÇÃO PARA LER:

-)DISTRACÇÃO
-)GOSTO
-)EXIGÊNCIA ESCOLAR

3 - QUEM TE INFLUENCIOU AO GOSTO PELA LEITURA?

-)PAIS
-)PROFESSORES
-)AÇÕES PÚBLICAS

4 - O QUE FAZ EM TEMPO LIVRE?

-)ASSISTO TELEVISÃO
-)LEIO UM LIVRO
-)ACESSO REDES SOCIAIS

5 - NÃO INSERIDOS NO CURRÍCULO ESCOLAR, QUAL TIPO DE TEXTO COSTUMA LER?

-)JORNAIS
-)REVISTAS
-)CATÁLOGOS

6 - O QUE MAIS LÊ?

-)LVROS RELIGIOSOS
-)TEXTOS DIDÁDICOS
-)TEXTOS LITERÁRIOS

7 - FREQUENTA BIBLIOTECA?

-)SIM
-)NÃO
-)RARAMENTE

8 - PRINCIPAL FATOR PARA IR À BIBLIOTECA:

-)ATENDER DEMANDAS ESCOLARES
-)ONDE ENCONTRO LIVROS DO MEU INTERESSE
-)ÚNICO ESPAÇO QUE ME PERMITE DISFRUTAR DA LEITURA

9 - PRINCIPAL FATOR PARA NÃO IR À BIBLIOTECA:

-)NÃO ENCONTRO LIVROS DO MEU INTERESSE
-)FALTA DE TEMPO
-)NÃO GOSTO MUITO DE LER

10 - PRA VOCÊ, O QUE A LEITURA SIGNIFICA?

-)FONTE DE PRAZER
-)ATUALIZAÇÃO CULTURAL
-)PRODUÇÕES DE CONHECIMENTO

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSOR(A) DE LITERATURA/LÍNGUA PORTUGUESA

1 - EXISTE ALGUM TIPO DE ATIVIDADE DE LEITURA QUE PROPICIE ENTRE OS ALUNOS O CONTATO COM AMBIENTES EXTERNOS AO AMBIENTE ESCOLAR?

- RODAS DE LEITURA
- FEIRA DE LIVROS
- NÃO EXISTE

2 - QUAIS GÊNEROS SÃO MAIS TRABALHADOS EM SALA DE AULA?

- ROMANCE
- DIDÁTICO
- POESIA

3 - NÍVEL DE CONTATO DOS ALUNOS COM A LEITURA, NA SUA PERCEPÇÃO:

- RAZOÁVEL
- BAIXO
- RELEVANTE

4 - EXISTE VÍNCULO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O FOMENTO À PRÁTICA LEITORA?

- SIM
- NÃO
- RARAMENTE

5 - É PROPICIADA A LEITURA DE ACORDO COM TEXTOS DE LIVRE ESCOLHA DO ESTUDANTE?

- SIM
- NÃO
- ÀS VEZES

6 - ALÉM DO CÂNONE LITERÁRIO, SÃO INSERIDOS(AS) NO CURRÍCULO ESCOLAR COMO ESTÍMULO AO HÁBITO DA LEITURA:

- JORNAIS, REVISTAS, LETRAS DE RAP
- TEXTOS DIDÁTICOS
- TEXTOS SOMENTE DO CÂNONE LITERÁRIO